



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.^o
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhoba-Lisboa • Telefone 5339 O.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATAHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A GREVE GERAL DOS TRABALHADORES DE JORNAIS

O balanço de ontem:

As empresas jornalísticas não conseguiram ainda ontem lançar a publicidade nenhuma das duas anunciadas edições do seu órgão colectivo, limitando-se apenas, após dois dias e duas noites de trabalho insano, a distribuir um manifesto *«Ao país»*, em que comunicam estar ainda a organizar os diferentes serviços de tipografia, distribuição e venda para iniciarem a publicação da folha.

A pedido das empresas, que receberam a importante adesão do jornal *«O Radical»* (!!) foram mandados apresentar-se no jornal *A Pátria* todos os civicos que tenham officio de tipógrafo.

Conclusão: O triunfo moral dos grévistas é ineludivelmente dos jornais, cujos serviços foram rápida e automaticamente organizados, e a impossibilidade, até agora, da publicação do órgão do bloco das empresas, é flagrante a constatação de que o trabalho livre dos profissionais pode mais que todo o capital das empresas e é posta exuberantemente em contraste a capacidade directiva das empresas e dos trabalhadores.

A atitude dos jornalistas

Uma adesão valiosa

Os jornalistas, revisores, tipógrafos e distribuidores dos jornais mantêm-se na mesma atitude firme da primeira hora, unidos, dignos, comprometidos do seu dever e cheios de fé no triunfo do seu movimento. O número reduzido de *«canários»* não aumentou, tendo até muitos deles feito a declaração as respectivas empresas de que estavam dispostos a trabalhar para os seus jornais, mas que se recusavam a trabalhar no jornal do bloco dos industriais.

Os grévistas receberam a valiosa e nobre adesão do pessoal de estereotipia e impressão do *«Diário de Notícias»*, *Pátria* e *Mundo*, que intimado para que se apresentasse nas officinas da *Pátria* até às 16 horas de hoje porque do contrário seria considerado grévista, declarou terminantemente as empresas jornalísticas que se encontravam dispostas a trabalhar nos respectivos jornais, mas de forma alguma podia colaborar na confecção de um jornal a que em absoluto era estranho, razão porque abandonava o trabalho, solidarizando-se com as classes que em greve se encontravam.

Esta inesperada adesão causou, como é de supor, o maior entusiasmo entre os grévistas.

Também os distribuidores das duas edições do *«Diário de Notícias»* nos vieram comunicar a sua adesão, declarando-nos que não faziam a distribuição daquele jornal e solidarizando-se com o movimento.

O órgão dos trabalhadores de jornais, *A Imprensa de Lisboa*, publicou ontem as suas duas edições, matutina e vespertina, a primeira com quatro páginas e a segunda com reportagem própria, ambas com extraordinária abundância de boa informação e anúncios.

Um manifesto

das empresas

Embora lhes pese...

As empresas jornalísticas de Lisboa, num manifesto que ontem lançaram a público, veem dizer de novo que a sua resposta às reclamações das classes agora em greve não podia ser mais correcta, etc., etc.

Como pode haver ainda quem suponha fundamentada esta afirmação, elucidamos que durante 30 dias, nada menos, andou a comissão delegada dos trabalhadores de imprensa, dos tipógrafos e dos distribuidores de jornais pelas redacções em cata de resposta à circular que a todas as empresas jornalísticas fora dirigida.

Foi tempo perdido. Sistemáticamente os delegados das empresas se eximiram a qualquer discussão decisiva. E era legítimo esperar que a petição dos trabalhadores dos jornais se opusessem argumentos, e desse enfim uma resposta, se discutisse enfim o que era para discutir.

Nada disto aconteceu. E chama-se a esta atitude correcção, como se chama à função de certa imprensa a defesa dos princípios e ideias... princípios e ideias inspirados na rua dos Capelistas e nas diversas agências de negócios ilegítimos que por aí abundam.

O hábito da mentira está tão inveterado nos dirigentes das empresas jornalísticas, que acreditamos manterem-se sem dar por isso. E assim que afirmam estarem em greve apenas alguns redactores e informadores dos jornais.

Percebemos o empenho nesta insistência. Nunca os directores dos jornais julgaram tão próxima e possível a aliança das gentes das profissões liberais com os operários manuais. O milagre operou-se com surpresa sua e de óbvio manter-se há de cada vez mais sólida, mais estável e mais intensa. Embora lhes pese...

A greve apreciada

no Parlamento

Um protesto contra a cedência às empresas de tipógrafos militares e civicos

Na sessão de ontem da Câmara dos Deputados, o deputado sr. Augusto Dias da Silva requereu, votando-se, em contra-prova, que lhe fosse concedida a palavra, em negócio urgente, para tratar do caso da cedência de guarda republicana e policia para compor o jornal das Empresas Jornalísticas.

O orador interroga o sr. ministro do Interior nesse sentido. Se assim é diz-

Os jornalistas, tipógrafos e distribuidores dos jornais, em greve, mantêm-se cheios de fé no triunfo da sua causa, numa atitude digna e activa e na mais estreita união. Publicaram ontem as duas edições da manhã e da noite, do seu órgão *A Imprensa de Lisboa*, tendo o público leitor e os anunciantes, dispensado a maior simpatia e auxilio. As suas largas tiragens esgotaram-se total e rapidamente.

Os grévistas receberam a adesão à greve do pessoal da estereotipia e impressão dos jornais seguintes: *Diário de Notícias*, *Pátria* e *Mundo*.

um facto. Perante o êxito do órgão na imprensa dos trabalhadores das empresas, e a impossibilidade, até agora, da publicação do órgão do bloco das empresas, é flagrante a constatação de que o trabalho livre dos profissionais pode mais que todo o capital das empresas e é posta exuberantemente em contraste a capacidade directiva das empresas e dos trabalhadores.

A atitude dos jornalistas

Uma adesão valiosa

Os jornalistas, revisores, tipógrafos e distribuidores dos jornais mantêm-se na mesma atitude firme da primeira hora, unidos, dignos, comprometidos do seu dever e cheios de fé no triunfo do seu movimento. O número reduzido de *«canários»* não aumentou, tendo até muitos deles feito a declaração as respectivas empresas de que estavam dispostos a trabalhar para os seus jornais, mas que se recusavam a trabalhar no jornal do bloco dos industriais.

Os grévistas receberam a valiosa e nobre adesão do pessoal de estereotipia e impressão do *«Diário de Notícias»*, *Pátria* e *Mundo*, que intimado para que se apresentasse nas officinas da *Pátria* até às 16 horas de hoje porque do contrário seria considerado grévista, declarou terminantemente as empresas jornalísticas que se encontravam dispostas a trabalhar nos respectivos jornais, mas de forma alguma podia colaborar na confecção de um jornal a que em absoluto era estranho, razão porque abandonava o trabalho, solidarizando-se com as classes que em greve se encontravam.

Esta inesperada adesão causou, como é de supor, o maior entusiasmo entre os grévistas.

Também os distribuidores das duas edições do *«Diário de Notícias»* nos vieram comunicar a sua adesão, declarando-nos que não faziam a distribuição daquele jornal e solidarizando-se com o movimento.

O órgão dos trabalhadores de jornais, *A Imprensa de Lisboa*, publicou ontem as suas duas edições, matutina e vespertina, a primeira com quatro páginas e a segunda com reportagem própria, ambas com extraordinária abundância de boa informação e anúncios.

Como pode haver ainda quem suponha fundamentada esta afirmação, elucidamos que durante 30 dias, nada menos, andou a comissão delegada dos trabalhadores de imprensa, dos tipógrafos e dos distribuidores de jornais pelas redacções em cata de resposta à circular que a todas as empresas jornalísticas fora dirigida.

Foi tempo perdido. Sistemáticamente os delegados das empresas se eximiram a qualquer discussão decisiva. E era legítimo esperar que a petição dos trabalhadores dos jornais se opusessem argumentos, e desse enfim uma resposta, se discutisse enfim o que era para discutir.

Nada disto aconteceu. E chama-se a esta atitude correcção, como se chama à função de certa imprensa a defesa dos princípios e ideias... princípios e ideias inspirados na rua dos Capelistas e nas diversas agências de negócios ilegítimos que por aí abundam.

O hábito da mentira está tão inveterado nos dirigentes das empresas jornalísticas, que acreditamos manterem-se sem dar por isso. E assim que afirmam estarem em greve apenas alguns redactores e informadores dos jornais.

Percebemos o empenho nesta insistência. Nunca os directores dos jornais julgaram tão próxima e possível a aliança das gentes das profissões liberais com os operários manuais. O milagre operou-se com surpresa sua e de óbvio manter-se há de cada vez mais sólida, mais estável e mais intensa. Embora lhes pese...

Como pode haver ainda quem suponha fundamentada esta afirmação, elucidamos que durante 30 dias, nada menos, andou a comissão delegada dos trabalhadores de imprensa, dos tipógrafos e dos distribuidores de jornais pelas redacções em cata de resposta à circular que a todas as empresas jornalísticas fora dirigida.

A greve apreciada

no Parlamento

Um protesto contra a cedência às empresas de tipógrafos militares e civicos

Na sessão de ontem da Câmara dos Deputados, o deputado sr. Augusto Dias da Silva requereu, votando-se, em contra-prova, que lhe fosse concedida a palavra, em negócio urgente, para tratar do caso da cedência de guarda republicana e policia para compor o jornal das Empresas Jornalísticas.

O orador interroga o sr. ministro do Interior nesse sentido. Se assim é diz-

EM GUIMARÃES

Obra de reaccionários

Perseguições à organização operária que dão origem a uma Casa dos : : : Trabalhadores : : :

GUIMARÃES, 17.-C.—A organização operária nesta cidade está a ser de-

verdadeiramente perseguida pela burguesia.

A U. S. O. sofreu uma acção de despejo judicial, sem ser por falta de pagamento, nem ter sido prevenida, como devia.

Foi esta obra feita de combinação entre dois indivíduos. Um, é um tal João de Paiva, um dos maiores proprietários deste concelho, que sendo o verdadeiro senhorio não podia ver as associações operárias instaladas num prédio seu; outro, um tal Pedro Fernandes, mestre carpinteiro, que era sublocatário das mesmas colectividades. Estes dois cavalheiros, conluindo-se, arranjaram processo de expulsão judicialmente, do prédio onde se encontravam, as associações de classe.

Não foi bem um assalto à U. S. O., mas coisa parecida.

Puzeram tudo na rua, quebrando móveis, estragando bandeiras, livros, etc., num dia invernos, aproveitando-se para isso da ausência do secretário geral da U. S. O. Faltam bastantes coisas, que não se sabe onde param, e algumas accretam bastante prejuizo para a organização.

Diz-se agora que vão ser expulsos os restantes sindicatos das suas sedes, talvez com o fim de impedir os operários a que realizem as suas reuniões, julgando desta forma esfacelar a organização operária de Guimarães.

Estes reaccionários enganam-se com a sua obra! A organização operária, com essas perseguições, de cada vez se tornará mais forte. Não havendo sede para reunir, nas ruas da cidade ou em qualquer monte dos arredores se poderão as reuniões efectivar.

Para resolver o caminho a seguir sobre estas arbitrariedades, realizouse na passada sexta-feira uma reunião magna de todas as classes, que foi bastante concorrida, estando a policia de prevenção próximo do local onde se efectuava a assembleia, com receio talvez que o povo fizesse assaltos. O receio acompanha sempre as criaturas que não tem a consciência tranqüilla.

Foi resolvido fazer boicotagem a casa de Pedro Fernandes, impedindo-se por tal motivo que trabalhem lá operários carpinteiros.

Um belo gesto

Nessa assembleia deliberou-se construir um edificio para todos os sindicatos, intitulado *Casa dos Trabalhadores*, reinando grande entusiasmo em todo o operariado por tam elevada iniciativa, oferecendo já alguns operários boas quantias, entre os quais António de Almeida, do Pevidem, com 300\$00, pedindo que se dê desde já principio a essa importante obra, para engrandecimento do operariado local; José Alves, marceneiro, 20\$00; o camareira Correa, presidente dos marceneiros, 25\$00 por semana; Francisco Pereira, padeiro, 10\$00; Manuel da Silva Ribeiro, barbeiro, 5\$00; António Mendes, cutileiro, 5\$00; Vicente Mendes, entalhador, 5\$00.

Estes camaradas são dignos de louvor por serem os primeiros a contribuir para a grande obra que os operários de Guimarães em breve levarão a efeito.

—A' hora a que escrevo foi chamado à administração do concelho o secretário geral da U. S. O. e os restantes membros da comissão administrativa.

O motivo que levou a autoridade administrativa a chamar aqueles camaradas, foi o terem dito alguns jornais que uma comissão da Federação da Construção Civil procurou o presidente do ministério para protestar contra o assalto à U. S. O., na presença da magistrado produziu ásperos comentários por parte do próprio governador civil e de todos os advogados da cidade.

—E' claro que se se tratasse dum farroupilha, não se incomodariam o governador civil, nem os advogados. Como se trata dum honrado comerciante, protestam.

O contrário é que seria para estranhar.

—No ministério da justiça foi recebido um telegrama em que a Associação Commercial e Industrial de Castelo Branco protesta contra o facto do juiz de direito daquela comarca ter mantido, contra o que a lei dispõe, a prisão feita por fiscaes das subsistências, do representante da firma Torrado & Irmão. Diz o mesmo telegrama que a attitudo da magistrado produziu ásperos comentários por parte do próprio governador civil e de todos os advogados da cidade.

—E' claro que se se tratasse dum farroupilha, não se incomodariam o governador civil, nem os advogados. Como se trata dum honrado comerciante, protestam.

O contrário é que seria para estranhar.

—No ministério da justiça foi recebido um telegrama em que a Associação Commercial e Industrial de Castelo Branco protesta contra o facto do juiz de direito daquela comarca ter mantido, contra o que a lei dispõe, a prisão feita por fiscaes das subsistências, do representante da firma Torrado & Irmão. Diz o mesmo telegrama que a attitudo da magistrado produziu ásperos comentários por parte do próprio governador civil e de todos os advogados da cidade.

—E' claro que se se tratasse dum farroupilha, não se incomodariam o governador civil, nem os advogados. Como se trata dum honrado comerciante, protestam.

O contrário é que seria para estranhar.

—No ministério da justiça foi recebido um telegrama em que a Associação Commercial e Industrial de Castelo Branco protesta contra o facto do juiz de direito daquela comarca ter mantido, contra o que a lei dispõe, a prisão feita por fiscaes das subsistências, do representante da firma Torrado & Irmão. Diz o mesmo telegrama que a attitudo da magistrado produziu ásperos comentários por parte do próprio governador civil e de todos os advogados da cidade.

—E' claro que se se tratasse dum farroupilha, não se incomodariam o governador civil, nem os advogados. Como se trata dum honrado comerciante, protestam.

O contrário é que seria para estranhar.

—No ministério da justiça foi recebido um telegrama em que a Associação Commercial e Industrial de Castelo Branco protesta contra o facto do juiz de direito daquela comarca ter mantido, contra o que a lei dispõe, a prisão feita por fiscaes das subsistências, do representante da firma Torrado & Irmão. Diz o mesmo telegrama que a attitudo da magistrado produziu ásperos comentários por parte do próprio governador civil e de todos os advogados da cidade.

—E' claro que se se tratasse dum farroupilha, não se incomodariam o governador civil, nem os advogados. Como se trata dum honrado comerciante, protestam.

No teatro de S. Bento

O sr. Leote do Rêgo ataca a Inglaterra, esquecendo quanto a defendeu, em tempos...

A's 14,40 o sr. Abilio Marçal assumiu a presidência e manda fazer a chamada, a que responderam uns 20 deputados, abrindo em seguida a sessão.

Incidentes os trabalhos, reconhece a discussão, na especialidade, o projecto concedendo a subvenção de ajuda de custo de vida dos funcionários municipais, e ao qual se juntaram propostas para que esse subido se torne extensivo aos empregados administrativos e que as câmaras, para ocoerem as despesas com que serão sobrecarregadas, possam cobrar impostos directos.

Sobre o assunto falam os srs. Manuel José da Silva, Jorge Nunes, Ornelas da Silva e Malheiro Reimão.

O discurso de Leote do Rêgo começa com o seu annuncio de discurso sobre a nossa situação internacional, e passa que se annunciará pela conveniência do sr. presidente da república.

Diz que, felizmente, Portugal não é a ilha misteriosa de Ilho Verde. Esta na Europa e nele estão postos os olhos dos outros países.

Seguidamente, escutado com grande interesse, o sr. Leote do Rêgo faz a sua representação diplomática.

O orador refere-se ao esforço militar feito por Portugal na guerra e ao conferência de Bruxelas, dizendo que o sr. Afonso Costa nessa conferencia se encontrou constangido por falta de approvação por nós do Tratado de Paz, acontecimento-lhe o mesmo e a outros nossos representantes em Genebra em face dum jornal que, escrito em português, ali se publicou chamandono *«O Portugal»*. Por isso, o sr. Leote do Rêgo refere-se ao esforço militar feito por Portugal na guerra e ao conferência de Bruxelas, dizendo que o sr. Afonso Costa nessa conferencia se encontrou constangido por falta de approvação por nós do Tratado de Paz, acontecimento-lhe o mesmo e a outros nossos representantes em Genebra em face dum jornal que, escrito em português, ali se publicou chamandono *«O Portugal»*.

Por conseguinte, o orador narra casos demonstrativos da nenhuma importância que Portugal oferece ao estrangeiro e afirma existir lá fora quem se empenhe em desacreditar o nosso país, nascendo a sua desconfiança da educação que se chama a *«elite»* portuguesa.

Prosegue, em seguida, o que considera as causas das nossas derrotas. Dizendo em certa altura que alianças como a de Inglaterra se chamam grielhas e suzeranias. E isto porque os nossos diplomatas não tem cumprido o seu dever, e o embaixador português é hoje uma espécie de caixeiro viajante.

Poimante—prosegue o orador—num artigo seu em que alude aos países que lutam contra os nossos, diz que não nos dá a culpa de termos estado no front, em contacto com o exercito português.

Analisa em seguida o que considera as causas das nossas derrotas. Dizendo em certa altura que alianças como a de Inglaterra se chamam grielhas e suzeranias. E isto porque os nossos diplomatas não tem cumprido o seu dever, e o embaixador português é hoje uma espécie de caixeiro viajante.

Por conseguinte, o orador narra casos demonstrativos da nenhuma importância que Portugal oferece ao estrangeiro e afirma existir lá fora quem se empenhe em desacreditar o nosso país, nascendo a sua desconfiança da educação que se chama a *«elite»* portuguesa.

Prosegue, em seguida, o que considera as causas das nossas derrotas. Dizendo em certa altura que alianças como a de Inglaterra se chamam grielhas e suzeranias. E isto porque os nossos diplomatas não tem cumprido o seu dever, e o embaixador português é hoje uma espécie de caixeiro viajante.

Por conseguinte, o orador narra casos demonstrativos da nenhuma importância que Portugal oferece ao estrangeiro e afirma existir lá fora quem se empenhe em desacreditar o nosso país, nascendo a sua desconfiança da educação que se chama a *«elite»* portuguesa.

Prosegue, em seguida, o que considera as causas das nossas derrotas. Dizendo em certa altura que alianças como a de Inglaterra se chamam grielhas e suzeranias. E isto porque os nossos diplomatas não tem cumprido o seu dever, e o embaixador português é hoje uma espécie de caixeiro viajante.

Por conseguinte, o orador narra casos demonstrativos da nenhuma importância que Portugal oferece ao estrangeiro e afirma existir lá fora quem se empenhe em desacreditar o nosso país, nascendo a sua desconfiança da educação que se chama a *«elite»* portuguesa.

Prosegue, em seguida, o que considera as causas das nossas derrotas. Dizendo em certa altura que alianças como a de Inglaterra se chamam grielhas e suzeranias. E isto porque os nossos diplomatas não tem cumprido o seu dever, e o embaixador português é hoje uma espécie de caixeiro viajante.

Por conseguinte, o orador narra casos demonstrativos da nenhuma importância que Portugal oferece ao estrangeiro e afirma existir lá fora quem se empenhe em desacreditar o nosso país, nascendo a sua desconfiança da educação que se chama a *«elite»* portuguesa.

Prosegue, em seguida, o que considera as causas das nossas derrotas. Dizendo em certa altura que alianças como a de Inglaterra se chamam grielhas e suzeranias. E isto porque os nossos diplomatas não tem cumprido o seu dever, e o embaixador português é hoje uma espécie de caixeiro viajante.

Por conseguinte, o orador narra casos demonstrativos da nenhuma importância que Portugal oferece ao estrangeiro e afirma existir lá fora quem se empenhe em desacreditar o nosso país, nascendo a sua desconfiança da educação que se chama a *«elite»* portuguesa.

Prosegue, em seguida, o que considera as causas das nossas derrotas. Dizendo em certa altura que alianças como a de Inglaterra se chamam grielhas e suzeranias. E isto porque os nossos diplomatas não tem cumprido o seu dever, e o embaixador português é hoje uma espécie de caixeiro viajante.

Por conseguinte, o orador narra casos demonstrativos da nenhuma importância que Portugal oferece ao estrangeiro e afirma existir lá fora quem se empenhe em desacreditar o nosso país, nascendo a sua desconfiança da educação que se chama a *«elite»* portuguesa.

Prosegue, em seguida, o que considera as causas das nossas derrotas. Dizendo em certa altura que alianças como a de Inglaterra se chamam grielhas e suzeranias. E isto porque os nossos diplomatas não tem cumprido o seu dever, e o embaixador português é hoje uma espécie de caixeiro viajante.

Por conseguinte, o orador narra casos demonstrativos da nenhuma importância que Portugal oferece ao estrangeiro e afirma existir lá fora quem se empenhe em desacreditar o nosso país, nascendo a sua desconfiança da educação que se chama a *«elite»* portuguesa.

Prosegue, em seguida, o que considera as causas das nossas derrotas. Dizendo em certa altura que alianças como a de Inglaterra se chamam grielhas e suzeranias. E isto porque os nossos diplomatas não tem cumprido o seu dever, e o embaixador português é hoje uma espécie de caixeiro viajante.

Por conseguinte, o orador narra casos demonstrativos da nenhuma importância que Portugal oferece ao estrangeiro e afirma existir lá fora quem se empenhe em desacreditar o nosso país, nascendo a sua desconfiança da educação que se chama a *«elite»* portuguesa.

Prosegue, em seguida, o que considera as causas das nossas derrotas. Dizendo em certa altura que alianças como a de Inglaterra se chamam grielhas e suzeranias. E isto porque os nossos diplomatas não tem cumprido o seu dever, e o embaixador português é hoje uma espécie de caixeiro viajante.

Por conseguinte, o orador narra casos demonstrativos da nenhuma importância que Portugal oferece ao estrangeiro e afirma existir lá fora quem se empenhe em desacreditar o nosso país, nascendo a sua desconfiança da educação que se chama a *«elite»* portuguesa.

Contra a falta de pão

A greve geral em Almada

ALMADA, 19.-C.—O movimento geral que as classes trabalhadoras ontem iniciaram, prossegue ainda hoje, pela que todas as fábricas e officinas se encontram completamente desertas, continuando encerrado o comércio.

Perante um movimento desta natureza, que bem traduz a que ponte chegou o desespero motivado pela miséria de que há muito vem sofrendo todos os que morejam, todas as classes se uniram. E' que o proletariado vê que o seu principal alimento, que é o pão, desaparece completamente, sem que aquêles a quem compete tratar do caso deem as necessárias providências, antes vindo ainda acirrar mais os já exaltados espiritos com o envio de numerosas forças armadas que em nada resolvem este grave conflicto.

O aspecto desta localidade, é verdadeiramente desolador, dada a anomalia em que se encontra desde ontem, com todos os estabelecimentos encerrados, encontrando-se as ruas pejudicadas de operários que, em grupos, comem asperamente a atitude tomada pelo ministro da agricultura e commissário dos abastecimentos, sr. Peres Trancoso, que em vez de remediar o mal, conforme era seu dever, deixou que isto corra ao deus dará, como se a laboriosa população de Almada merecesse ser tratada com tanto menosprezo.

O facto da fábrica do Caramujo se encontrar cheia de farinha representa uma verdadeira afronta aqúelles que querem uma cêdea de pão e a não tem, não se devendo admirar os culpas de tanta miséria que o povo, amanhã, farto de sofrer, faça justiça por suas mãos, indo buscar a farinha de que tiver necessidade.

A fábrica de farinhas continua guardada por forças da guarda republicana, a pé e a cavallo.

Por comunicação telefónica que nos foi enviada a noite passada pelo nosso correspondente de Almada, sabemos que a União dos Sindicatos Operários daquela localidade, em reunião que terminou ontem às 23 horas, resolveu convidar a classe operária do concelho a não retomar o trabalho enquanto uma comissão da mesma União, que vai hoje entrevistar o sr. commissário dos abastecimentos, não levar uma solução satisfatória para as reclamações do operariado local.

Para apreciar a resposta do commissário dos abastecimentos, reúne hoje o proletariado do concelho, em sessão pública, pelas 15 horas, no largo Camões, daquela villa.

Por comunicação telefónica que nos foi enviada a noite passada pelo nosso correspondente de Almada, sabemos que a União dos Sindicatos Operários daquela localidade, em reunião que terminou ontem às 23 horas, resolveu convidar a classe operária do concelho a não retomar o trabalho enquanto uma comissão da mesma União, que vai hoje entrevistar o sr. commissário dos abastecimentos, não levar uma solução satisfatória para as reclamações do operariado local.

Para apreciar a resposta do commissário dos abastecimentos, reúne hoje o proletariado do concelho, em sessão pública, pelas 15 horas, no largo Camões, daquela villa.

Por comunicação telefónica que nos foi enviada a noite passada pelo nosso correspondente de Almada, sabemos que a União dos Sindicatos Operários daquela localidade, em reunião que terminou ontem às 23 horas, resolveu convidar a classe operária do concelho a não retomar o trabalho enquanto uma comissão da mesma União, que vai hoje entrevistar o sr. commissário dos abastecimentos, não levar uma solução satisfatória para as reclamações do operariado local.

Para apreciar a resposta do commissário dos abastecimentos, reúne hoje o proletariado do concelho, em sessão pública, pelas 15 horas, no largo Camões, daquela villa.

Por comunicação telefónica que nos foi enviada a noite passada pelo nosso correspondente de Almada, sabemos que a União dos Sindicatos Operários daquela localidade, em reunião que terminou ontem às 23 horas, resolveu convidar a classe operária do concelho a não retomar o trabalho enquanto uma comissão da mesma União, que vai hoje entrevistar o sr. commissário dos abastecimentos, não levar uma solução satisfatória para as reclamações do operariado local.

Para apreciar a resposta do commissário dos abastecimentos, reúne hoje o proletariado do concelho, em sessão pública, pelas 15 horas, no largo Camões, daquela villa.

Por comunicação telefónica que nos foi enviada a noite passada pelo nosso correspondente de Almada, sabemos que a União dos Sindicatos Operários daquela localidade, em reunião que terminou ontem às 23 horas, resolveu convidar a classe operária do concelho a não retomar o trabalho enquanto uma comissão da mesma União, que vai hoje entrevistar o sr. commissário dos abastecimentos, não levar uma solução satisfatória para as reclamações do operariado local.

Para apreciar a resposta do commissário dos abastecimentos, reúne hoje o proletariado do concelho, em sessão pública, pelas 15 horas, no largo Camões, daquela villa.

Por comunicação telefónica que nos foi enviada a noite passada pelo nosso correspondente de Almada, sabemos que a União dos Sindicatos Operários daquela localidade, em reunião que terminou ontem às 23 horas, resolveu convidar a classe operária do concelho a não retomar o trabalho enquanto uma comissão da mesma União, que vai hoje entrevistar o sr. commissário dos abastecimentos, não levar uma solução satisfatória para as reclamações do operariado local.

Para apreciar a resposta do commissário dos abastecimentos, reúne hoje o proletariado do concelho, em sessão pública, pelas 15 horas, no largo Camões, daquela villa.

Por comunicação telefónica que nos foi enviada a noite passada pelo nosso correspondente de Almada, sabemos que a União dos Sindicatos Operários daquela localidade, em reunião que terminou ontem às 23 horas, resolveu convidar a classe operária do concelho a não retomar o trabalho enquanto uma comissão da mesma União, que vai hoje entrevistar o sr. commissário dos abastecimentos, não levar uma solução satisfatória para as reclamações do operariado local.

Para apreciar a resposta do commissário dos abastecimentos, reúne hoje o proletariado do concelho, em sessão pública, pelas 15 horas, no largo Camões, daquela villa.

Por comunicação telefónica que nos foi enviada a noite passada pelo nosso correspondente de Almada, sabemos que a União dos Sindicatos Operários daquela localidade, em reunião que terminou ontem às 23 horas, resolveu convidar a classe operária do concelho a não retomar o trabalho enquanto uma comissão da mesma União, que vai hoje entrevistar o sr. commissário dos abastecimentos, não levar uma solução satisfatória para as reclamações do operariado local.

:: Bôlsa do Trabalho ::
OFFERECE-SE--PRECISA-SE

CRUADA de fóra, dá
informações. R. Es-
cola Politécnica, 11.

CRUADO De mesa. T.
dos Ingleses
nhos, 5, 1.º Eq.

TORNEIROS Precisa-
se para preencher 3
vagas. Informa o Si-
ndicato Unico Releira-
do, Rua da Exp-
erança, 204-2.ª, das 20
as 22 horas.

JANOTAS????

Sejam económicos!!!

Como vestir bem e barato??

Só na ALFAIATARIA JANOTA

Onde se vêem fatos e sobretudos ficauão

Rua do Sol ao Rato, 215, loja e 3.^o
andar, esquina S. João dos Bemcasados.—(Eléctrico à porta, carro da Estrela)—Postal a S. Madeira.

LIQUIDAÇÃO
A' rapaziada!!!
As valentes e péras!



Botas pretas, para homem, 15475
19475
Botas brancas, As Valentas, a
15475.
Botas pretas, duas eclas, a
10675.
Sapatos para senhora, a 11450.
1450, 15400 e 16100.
Grande variedade de calçado
para criança, e de luxo para se-
nhora.
Para a frente é que é!!!
Venham ver os nossos preços!

SAPATARIA S. ROQUE
16, Largo Trindade Coelho, 17
(Antigo Largo S. Roque)

CLINICA DENTÁRIA
BARROS MARINHAS

Extracções dentes por anestesia espe-
cial. Colocação dentes fixos e com placa.
25—Rua da Assunção—25
LISBOA

ALBERTINO LOPES
Manufactor de calçado. Rua Gomes
Freire, 150, r/c. 356

FERRAMENTAS

Ferramentas
pes & C.^{ta} L.^{da}
Fones (central) 2778 e 3478
Framas Ferrame
para todos os officios

qualidades, chapas de
es diversos.
os os pertences de materia.

Julhão, 23
o Almada, 1, 3 a 7
BOA

Do
Amanhã, Sexta-feira
Grande liquidação

DE
RETALHOS
Tudo vendido com
normes Diferenças de Preços
as suas demais filiais.
E CONTOS adquiridas e

agravamento cambial dos últi-

SAIAS de flanela fantasia para seho-
A 4.500!

SAIAS de flanela amazona, para se-
hora a 6.000!

CAMISAS de bom pano para crianças
de 500!

CALÇAS de bom pano para criança
de 700!

COMBINAÇÕES de bom pano para
crianças, a 1.000!

CAMISETAS de bom pano de bom quali-

de malha de lã, muito for-
magem, a 200, 150 e 100!

guem! Os seus anúncios

de pé e que consistem em
meio d'êste beneficioso pu-